

A CULTURA NA PRODUÇÃO E PROLIFERAÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA CORPORAL FEMININO

Marcele Carozo¹

Universidade Federal de Sergipe

Fabio Zoboli²

Universidade Federal de Sergipe

O CORPO COMO FATOR DE CULTURA

Logo que nascemos, começamos a aprender e continuamos aprendendo durante toda a vida. Com poucos dias aprendemos a nos comunicar com o mundo através do choro. Com o passar do tempo, através do contato com o meio em que vivemos adquirimos algumas capacidades como a fala e locomoção. Desde o momento em que nascemos somos expostos à interação dos outros e assim somos socializados das mais diversas formas dentro de um contexto cultural determinado. Primeiro os pais, depois os demais familiares e aos poucos o ser humano vai interagindo dentro de um contexto social mais amplo.

Nos primeiros anos de vida vamos para a escola, onde esta nos possibilita, através da aprendizagem dirigida, adquirir hábitos, habilidades, informações, conhecimentos e atitudes que a sociedade considera essenciais ao cidadão, como por exemplo, somar, multiplicar, ler e escrever de acordo com as regras ortográficas, usar escova de dente, digitar e até demonstrar atitudes sociais. Quando consideramos todas as habilidades, nossos interesses, as atitudes, os conhecimentos e as informações adquiridas, dentro e fora da escola, e suas relações com a conduta, a personalidade e a maneira de viver, podemos concluir que todas estas ações são mediadas pela cultura.

¹ Graduanda em Educação Física /DEF/UFS. Contato: marcele.carozo@hotmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal Da Bahia – UFBA, Brasil. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Contato: zobolito@gmail.com

O ser humano – enquanto espécie – é o único animal que precisa ser educado para se tornar humano. O cavalo já nasce cavalo, a abelha já nasce abelha, no entanto, o ser humano precisa passar por um processo educacional para se tornar humano. Esse processo educacional se dá por intermédio da mediação cultural.

Através dos séculos, o comportamento rotineiro de cada povo, suas crenças, seus hábitos são transmitidos de geração a geração. Os costumes, as leis, a religião, a linguagem e as instituições sociais, que não são imutáveis, vão sendo transmitidas e sempre modificadas com a intenção de melhora das condições de vida de cada povo. Enfim, cada indivíduo é o que é pelo que aprendeu, por meio da cultura que padroniza seu comportamento. De acordo com Thompson (1999, p.176) a cultura pode ser definida como:

O padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas experiências, concepções e crenças. A análise cultural é, em primeiro lugar e principalmente, a elucidação desses padrões de significado, a explicação interpretativa dos significados incorporados às formas simbólicas.

Podemos resumir então que a cultura pode ser entendida como toda produção humana. Ela pode ser manifestada/ expressada, através dos hábitos, comportamentos, danças, culinárias, músicas, maneira de se vestir e se adornar, entre outras produções de cada grupo.

Então supondo que um adulto não dispusesse dos resultados da aprendizagem, oferecidos pelo contato com meio, poderíamos observar que esta pessoa seria reduzida ao nível de sua dimensão instintiva – natureza – pois, como o exemplo do filme, O Enigma de KasparHauser³, o qual relata a história real de um menino que por ter sido

³ “O Enigma de KasparHauser” é um filme baseado em fatos reais, do ano de 1974, do cineasta alemão Werner Herzog, vencedor do Grande Prêmio do Júri, no festival de Cannes, em 1975, que conta a história de um menino que fora criado em um porão, desde o nascimento até a idade de provavelmente seus 15 anos, no isolamento e privado de educação, que mesmo em fase adulta, não conseguia estabelecer certas relações que são comuns nesta fase, como por exemplo, não conseguia compreender os significados de algumas palavras, a relação de grandezas, e até mesmo seu sistema locomotor era desengonçado, já que passou grande parte da vida acorrentado sem possibilidades de muita movimentação corporal.

privado de uma relação social direta com o meio e, portanto com a cultura vigente de sua época acabou por não desenvolver alguns padrões de comportamento considerados normais de acordo com sua faixa etária, como a linguagem, raciocínio lógico e coordenação motora. Portanto podemos resumir que através do contato com a sociedade adquirimos determinados padrões de comportamento.

A maneira com que realizamos alguns atos como comer, beber, andar, nos vestirmos, nos arrumamos e nos relacionarmos com as pessoas e com o mundo como um todo é moldada/mediada pela cultura. Segundo Daolio (1995, p.25), “Não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura”. O mesmo autor (1995) ainda ressalta que, o corpo é fruto de uma dinâmica cultural, a qual o homem só se estabelece como homem (e não puramente como ser biológico), através da apropriação de comportamentos e atitudes que, inclusive, dão forma ao seu componente biológico. “O que o diferencia de outros animais, principalmente, é a sua capacidade de produzir cultura” (DAOLIO, 1995, p. 25).

Então a maneira com que cuidamos do nosso próprio corpo e todos os nossos costumes são influenciados pela cultura. Quanto a isso Daolio (1995) ainda menciona que:

O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação [...], o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. (p. 25)

Portanto nossos estilos de vida demonstram a sociedade a qual estamos inseridos. Daolio (1995, p.26), reforçando esta idéia, ainda cita que, “o corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual fazemos parte”. Porém é importante entendermos que não somos passivos a cultura de forma hegemônica, ou seja, cada um “consume e digere” o que da cultura lhe traz de forma individual, a partir de suas experiências particulares. Quanto a isto Goellner (2010) afirma que o corpo não é produto somente da coletividade, mas sim do particular de cada um também. Ela ainda relata que:

Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. Reagimos a elas, aceitamos, resistimos, negociamos, transgredimos tanto porque a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica.[...]Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura.(GOELLNER, 2010, pág. 39-40)

Não podemos negar também que o corpo é produto e produtor da cultura. Quanto a istoZoboli e Fiamoncini (2005, pág. 31-32) citam que:

A interação entre indivíduos produz a sociedade, que aprecia o aparecimento da cultura e esta por sua vez retroage sobre os indivíduos. As regras e leis que regem as sociedades humanas não são naturais, elas são criadas e construídas dentro de suas realidades, pelas pessoas que participam de suas práticas no decorrer da história.A cultura é destinada a dar sentido à vida do grupo, a criar valores comuns e harmonizar. A cultura é o modo de ser do próprio homem, é aquilo que o distingue do animal. De certo modo pode-se dizer de que um grupo humano, como também o ser enquanto indivíduo, é ao mesmo tempo pai e filho de sua própria cultura.

Zoboli e Fiamoncini(2005) ainda afirmam que o modo com que interagimos com o mundo, assim como a nossa conduta e a nossa atribuição de valores a determinados objetos , pessoas ou comportamentos, estão diretamente relacionados com o contexto social o qual estamos inseridos.

Então não podemos negar que não somos construídos seres humanos por conta própria e nem que sofremos fortes influências do meio que nos cerca com relação ao nosso processo de desenvolvimento de um modo geral. O corpo, como lugar onde nos experimentamos enquanto seres no mundo – como meio de interação com o outro e com o mundo – é o local onde serão inscritos os signos da cultura.

A BELEZA CORPORAL E OS SIGNOS CULTURAIS

O padrão de beleza é algo construído culturalmente, a cada época, a cada local o

corpo é visto e reconstruído das mais variadas formas. Neste início de século XXI a beleza do corpo é encarada como algo supremo. O contexto sociocultural está diretamente relacionado com essa rotulação, isto é, a beleza corporal está sempre associada aos valores e ao contexto histórico da sociedade a qual o sujeito está inserido.

Tendo em vista então a cultura vigente frente aos cuidados com nosso próprio corpo, percebemos que estamos numa sociedade que cultua um corpo belo que é magro, com a musculatura visível, jovem e saudável e este padrão é almejado tanto por homens como por mulheres, tornando esta busca um ideal de vida. *Stenzel* (2003) afirma que um fator que pode ter colaborado para o desenvolvimento do padrão estético de corpo magro, foi a repercussão da área de nutrição. *Stenzel* (2003, pág. 34) ainda cita que “O interesse na perda de peso foi crescendo gradualmente, e foi cada vez mais sendo representado como modelo a ser seguido”.

Assistimos neste início de século XXI, em quase todos os cantos do planeta, a uma crescente exaltação das aparências corporais, onde os indivíduos fazem quase tudo, ou às vezes tudo, para manter seu corpo dentro dos modelos construídos e dominantes, que é do corpo magro, musculoso, jovem, lipoaspirado, siliconado, implantado, anabolizado, bronzeado, ou seja, o corpo que é propagado como perfeito e sem defeitos, isto é, um corpo que pode ser exibido sem constrangimentos, já que está dentro do padrão. O culto ao corpo ganha um enorme espaço na sociedade, e isto é uma característica presente da sociedade contemporânea, onde é crescente a cada dia o número de cirurgias plásticas com fins estéticos, a quantidade de salões de beleza, de shoppings, de clínicas estéticas, enfim é crescente também o número de pessoas seja em qualquer sexo ou faixa etária que buscam este corpo ideal. Vivemos num meio social que oferece a modelagem dos corpos pelas normas, representações culturais e simbólicas que competem a cada sociedade. Deste modo, podemos observar o corpo como sendo uma síntese do que está em sua volta. Neste sentido, temos o corpo produzido pelos efeitos da cultura, como citado no item anterior. Mas o significado de corpo pode variar de acordo com a sociedade a qual está inserido.

A mulher contemporânea busca salientar através do seu corpo valores relativos a beleza, saúde, higiene, lazer, alimentação e atividades físicas que orientam um apanhado de comportamentos que explora um estilo de vida. A obsessão com a

magreza, a multiplicação dos regimes, a disseminação da lipoaspiração, dos implantes de próteses de silicone, a aplicação de botox para esconder as rugas se tornam um modelo cada vez mais acentuado na atualidade. Por exemplo, aparentar ser velha é motivo de vergonha e exclusão para muitas pessoas. Del Priore(2000) cita que, nos dias atuais, o corpo feminino cria sua identidade à partir da “tríade beleza-saúde-juventude”(p. 14). Ela ainda afirma que as mulheres são levadas, cada vez mais a associar a beleza de seus corpos com a juventude, e a juventude com a saúde. Neste sentido Del Priore (2000) menciona que:

Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. Libertar-se, contrariamente ao que queriam as feministas, tornou-se sinônimo de lutar centímetro por centímetro, contra decrepitude fatal. Decrepitude, agora, culpada, pois o prestígio exagerado da juventude tornou a velhice vergonhosa. (pág.11)

Nos dias atuais, quando pretendemos elogiar uma pessoa idosa, temos que negar a idade dela, isto é, tendemos a fazer elogios dizendo que um sujeito aparenta ter menos idade do que realmente tem. O preconceito está colocado de cabeça para baixo, valorizamos a juventude, em lugar da velhice e supomos que esta inversão elimine o preconceito a ela agregado. Isto acontece porque a velhice não é vista culturalmente, na sociedade em que vivemos, com bons olhos.

Hoje grande parte da realização pessoal da mulher ocidental é alcançada através do corpo. Vivemos numa sociedade da aparência onde o que importa é a imagem que oferecemos aos olhos dos outros. Estamos inseridos numa cultura que exige um padrão de beleza corporal a ser seguido, e outros padrões estéticos corporais vigentes que podemos observar como sendo universais são os de corpos bem definidos, ou seja, com baixo percentual de gordura e músculos bem aparentes (hipertrofiados) assim como um corpo voltado para as raízes ocidentais como podemos perceber olhando ao nosso redor como é crescente o número de cirurgias plásticas para ocidentalização de rostos. Um caso clássico de ocidentalização é o caso de Michael

Jackson que de tantas cirurgias plásticas para este fim, acabou por desfigurar seu rosto.

Villaça e Góes (1998, pág. 9) citam que assistimos, na atualidade, “a uma exacerbação desta construção corporal onde o dado natural sofre desafios”. Mas alterar o corpo retocando-o de múltiplas maneiras é um hábito comum em diversas culturas. Villaça e Góes (1999) relatam que na maioria das vezes isto tem haver com o padrão estético que está em vigor em determinada região do planeta, como por exemplo, na China era comum até o século XX, a redução dos pés das mulheres através do uso de sapatos apertados. O pé pequeno era considerado gracioso, feminino e belo para as antigas sociedades chinesas e só no início do século passado é que deixou de ser um padrão de beleza comum naquela sociedade. Enquanto crianças partiam os ossos dos pés dobrando-os para dentro de modo que parassem de crescer. As mulheres chinesas usavam nos pés tiras de pano. Tornando-se moda, as tiras foram sendo apertadas cada vez mais até chegarem a dobrar os dedos dos pés para baixo, como mostra a figura 1. Os pés ainda eram metidos em sapatos curtos e estreitos. Os pés pequenos para os chineses era um sinônimo de beleza.

21



Figura 1: Pés das chinesas; adaptada do site:

Fonte: http://tudosuperinteressante.blogspot.com/2010/12/chinesas-triste-historia-dos-pes_4970.html. Acesso em: setembro, 2011.

É interessante comentar que é a partir dessa visão de beleza e feminilidade dos pés pequenos que se abre espaço para se empregar o rótulo de mulher “sapatão” àquela mulher que não seguia a esta regra, pois já que a mulher do pé pequeno era bela e sensual, ao contrário, a mulher do pé grande era a mulher masculinizada e feia, e conseqüentemente desinteressante para os homens daquele tempo e espaço.

Outro fato que corrobora com esta questão do pé pequeno atrelado ao corpo belo e feminino é conto infantil da Cinderela que reforça esta cultura, principalmente no universo infantil. A história da Cinderela conta a narrativa de uma garota que era feita de serviçal pela sua madrasta e que num belo dia houve um baile o qual Cinderela não poderia ir, pois tinha de limpar a casa e não tinha um vestido bonito para usar na festa. Daí sua fada madrinha apareceu e limpou toda a casa num piscar de olhos e lhe ofereceu um lindo vestido e um pequeno sapato de cristal para ela ir ao baile. Durante a festa o príncipe se encanta por Cinderela que ao ir embora deixa cair o seu sapatinho de cristal. O príncipe pega este sapato e no outro dia ordena que todas as moças do reino experimentem o sapato, mas o sapato não cabia em nenhuma delas, já que era muito pequeno. Todas as mulheres que tinham o pé grande eram associadas à feiúra. Por fim, Cinderela experimentou e o sapato serviu. A jovem então é considerada a mais bela do reino pelo seu pé pequeno, ganhando assim o coração do jovem príncipe. Esse conto infantil serve então para inculcar nas crianças a cultura vigente, daquele local.

Mas os padrões de beleza corporal podem variar de acordo com cada sociedade. Em algumas tribos indígenas é comum o aumento dos lábios, como podemos observar na figura 2, há também o alongamento do pescoço com anéis de metal, entre tribos asiáticas, criação de quelóides faciais em tribos africanas, entre outros casos modificação corporais. Logo podemos afirmar que o padrão estético corporal tem haver com a cultura de cada povo. Ser belo está interligado a diferentes valores simbólicos nas mais diversas culturas, mas nos dias atuais tendemos a uma cultura de padrão estético corporal feminino, que tende a ser homogeneizante.



Figura 2: Lábios das indígenas; adaptada do site:<http://curiosidadese culturas.blogspot.com/2011/01/tribos-exoticas-africanas.html>

Acesso em setembro, 2011.

Como pudemos observar não há sociedade que não modifique de alguma forma o corpo dos seus integrantes, cada uma produz determinados padrões de corpos, os quais servem como modelo de identidade grupal. Com relação aos grupos podemos ainda perceber alguns com características bem definidas como no caso dos hippies, skatistas, roqueiros, entre outros, que acabam não só por demarcar classes sociais, como também acaba por definir o grupo em que estão inseridos, somente pela questão das roupas que usam ou pelos adornos em seus corpos. Entretanto esta questão da roupa e adornos utilizados para demarcar um grupo social pode não ser mais válida, nos tempos atuais, já que vemos estes produtos à mostra nas vitrines das lojas e acessível a qualquer pessoa que queira e possa comprar, e que não necessariamente faça parte daquele grupo, isto é, um indivíduo pode comprar aquela determinada roupa só porque achou bonita, ou seja, compra para saciar seu desejo de obter aquele produto e que nem ao menos compactua ou conhece as idéias daquele determinado grupo. Hoje posso entrar no shopping e comprar um estilo Hippie sem ao menos conhecer os ideais de tal tribo.

Vale retomar aqui que os padrões de beleza variam de tempos em tempos, como

por exemplo, podemos citar a Mona Lisa no século XVI, com seu corpo farto, era o padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres daquela época, diferentemente do padrão atual de um corpo magro musculoso. De acordo com Del Priore(2000), a mulher brasileira passou por várias transformações corporais. Esta autora faz um delineamento cronológico dessas mudanças, de acordo com cada época. Com relação as modificações físicas ela trata de pontos históricos que marcaram e influenciaram as mudanças de comportamento com relação aos cuidados com o corpo feminino. São eles: a revolução microbiológica, que trouxe a higiene corporal apropriada como compulsão; a invenção do desodorante nos anos de 1950; o uso de decotes cada vez mais cavados, que implicou na busca desenfreada pela depilação em algumas partes do corpo; a adoção do sutiã para possibilitar uma maior movimentação dos membros superiores dentro do contexto do trabalho feminino nas fábricas; o uso de jeans bem justo nos quadris e o surgimento da minissaia nos anos de 1960; e a propagação do corpo nu através dos veículos midiáticos durante o século XX, que abre espaço também para difusão da questão sensual/sexual. Del Priore(2000) ainda cita que a exposição do corpo com roupas cada vez mais curtas, ou ainda, despido em televisões, revistas e praias acarretou no aumento do uso de cremes, silicones e vitaminas que culminavam numa aparência de corpo limpo, fortificado e jovem por parte dos que faziam o uso destes produtos. Podemos observar mais detalhes das mudanças de padrão de beleza feminino de acordo com o tempo observando as figuras 3 e 4.



Figura 3: Marilyn Monroe; adaptada do site: <http://acidolatico.wordpress.com/2011/07/01/os-padroes-de-beleza-dos-ultimos-70-anos/>

Acesso em setembro, 2011.

A figura 3 mostra Marilyn Monroe, nos anos 40 e 50, que era símbolo de beleza com coxas grossas, seios pequenos e cabelos loiros encaracolados. Nesta época a mulher tinha ainda muito forte a questão da maternidade, do “quadril de parideira”. A pele branca e o peso ainda tinham resquícios de questões ligadas à classe social onde a mulher branca e mais gordinha era vista como uma mulher adequada a vida matrimonial, já que seu corpo transmitia a imagem da mulher que era capaz de dar a luz a filhos saudáveis e aquela que cuidaria bem do seu esposo. Sendo assim, ela podia se dar ao luxo de ficar em casa e não trabalhar, e que portanto já era associada a uma classe social mais abastada. Uma mulher que era dedicada família e ao lar. Nesse contexto o marido tinha que cumprir com a função social de sustentar a mesma.

Já no final do século XX o padrão corpo feminino aparece com músculos mais exagerados, siliconado, com pele bronzeada e cabelos lisos e loiros como indica a figura 4. Este padrão perdura até os dias atuais. A mulher está muito mais forte e atlética, fala-se inclusive de uma proximidade em alguns aspectos de uma semelhança estética masculina: os abdomes definidos e quadríceps delineados são exemplo dessa nova cultura.



Figura4: Juju Salimene; adaptada do site:<http://acidolatico.wordpress.com/2011/07/01/os-padroes-de-beleza-dos-ultimos-70-anos/>

Acesso em agosto, 2011

De acordo com as figuras 3 e 4, podemos afirmar que o corpo se modela e remodela de acordo com o tempo ou de acordo com a moda, porém os padrões de beleza corporal apresentados não são aceitos pela sociedade de um modo geral, já que há que não esteja dentro desses moldes e nem mesmo queira estar, mas estes são os padrões que prevalecem com maior divulgação, cada um em seu tempo e espaço. Não podemos negar também que tudo isto advém de um processo histórico que como afirmam Zoboli e Morelli (2008):

Tanto o corpo quanto as roupas, nas suas mais variadas formas de expressão, configuram uma relação histórica com a “produção” da moda, refletindo as mudanças desta sociedade nos seus valores estéticos, políticos e sociais e ainda expressando uma visão pessoal de cada indivíduo. (p. 44)

Na nossa cultura atual tendemos a buscar aquele corpo que já está definido e divulgado através das mais variadas formas de aculturação como sendo o corpo mais apreciado e mais potente. Dificilmente observamos no meio publicitário como, capa de

revistas, novelas e outdoors, algum corpo que fuja das formas de um corpo magro, branco, jovem e ocidentalizado, ao menos que este esteja associado ao ridículo ou ao excluído.

Na atualidade assistimos a uma infinidade de intervenções em modificação corporal tais como: implante de próteses de silicone em várias partes do corpo, modificação do tipo do fio do cabelo por diversos processos químicos, lipoaspirações, lipoesculturas, entre outras. Tudo isso aproxima a população feminina da apropriação deste corpo padrão que é divulgado a todo tempo pelos veículos midiáticos, seja através das telenovelas, das revistas, das propagandas nos outdoors, nos folders distribuídos em lojas de roupas, entre outros. Somos bombardeados o tempo inteiro com essas imagens que fazem com que desejemos alcançar este corpo padrão. Quanto a isto Del Priore(2000) cita que:

Mais do que nunca, a mulher sofre prescrições. Agora, não mais do marido, do padre ou do médico, mas do discurso jornalístico e publicitário que a cerca. No início do século XXI, somos todas obrigadas a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. Isso é, sem dúvida, uma outra forma de subordinação. Subordinação, diga-se, pior do que a que sofria antes, pois diferentemente do passado, quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto. É a mídia. São os cartazes da rua. O bombardeio de imagens na televisão. (pág. 15)

A maneira como relacionamos nosso corpo com as práticas de embelezamento também pode ser relacionada com a questão da bioascese. De acordo com Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005) a bioascese implica num processo de subjetivação, o qual também está atrelado as práticas ascéticas da Antiguidade, porém, as ascetes da Antiguidade tinham a função de distanciar o indivíduo do seu contexto social, que era o contexto do cristianismo, já as práticas bioacéticas atuais servem para promover obediência as regras impostas. Podemos observar este fato, através da busca desenfreada pelo corpo perfeito, onde a mulher se sujeita as normas estabelecidas do que é pregado como belo. Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005) afirma que a bioascese pode ser entendida como “vontade de uniformidade, de adaptação a norma e de constituição de modos de existência conformistas e egoístas,

visando a procura da saúde e do corpo perfeito”. (pág. 142)

Ainda, de acordo com as idéias de Ortega, a relação de semelhança existente entre as bioasceses e as asceses clássicas tem haver com a relação de auto-controle alcançado pela duas práticas. Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005) ainda explica que:

O interesse pelo corpo gera desinteresse pelo mundo; a hipertrofia muscular se traduz em atrofia social. A preocupação com o mundo, ponto central da política desde a Antiguidade foi substituída na modernidade pela preocupação com o homem, a descoberta de si mesmo. Uma preocupação consigo que se traduz na atualidade na preocupação com a saúde e a perfeição corporal. Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação. (p. 173)

Para Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005) nas modernas bioasceses “[...] o eu existe só para cuidar do corpo, estando ao seu serviço.” (p. 167). Mas temos que ter em vista que os excessos podem acarretar diversos distúrbios de comportamentos, os quais serão abordados no tópico a seguir.

O CORPO ENVENENADO PELA CULTURA

A busca desenfreada na busca da apropriação cultural dos signos de beleza nem sempre é algo tranqüilo, os excessos podem culminar em alguns distúrbios comportamentais ou até mesmo em sérias patologias. Alguns indivíduos acabam por incorporar em suas vidas essa busca pelo corpo perfeito de maneira exagerada, e esses excessos podem acarretar em alguns distúrbios de comportamento, como é o caso da anorexia, bulimia, ortorexia nervosa, lipofobia, entre outras. Estamos inseridos numa cultura onde a aparência está em primeiro plano, de tal maneira que alguns sujeitos pagam com a própria vida o preço da beleza. Neste sentido Lamar, Zoboli e Bordas (2009 p. 12) relatam que “Estar fora dos padrões da estética é uma realidade muito árdua, uma vez que a ditadura da beleza humilha a quem não se dobra a seus padrões.” Dentro desse contexto, podemos perceber a força que a cultura tem para desencadear esse processo, pois há certa rejeição presente nos olhares críticos e excludentes da

sociedade, isto é, os olhares se manifestam acolhedores para aqueles que participam ativamente do lado da ponte onde estão presentes o corpo sarado, belo e jovem, e em paralelo rejeitam aqueles do outro lado, que estão fora do padrão, o gordo, o velho e o flácido. Lamar, Zoboli e Bordas (2009) ainda chamam atenção para o fato de que um corpo não se envenena apenas biologicamente, ele também pode ser envenenado pelos signos da cultura.

Neste sentido Lamar, Zoboli e Bordas (2009) ainda comentam que:

A anoréxica está envenenada de padrões que ela consome para ser bela, ela traz tatuada na carne a intoxicação de um corpo que se alimenta de sua própria fome de ser belo e definha como que por um processo de auto-fagia, porque a beleza é verbo – “e o verbo se fez carne. (pág.12)

Um outro fato que chama atenção é que a maioria desses distúrbios de comportamento estão relacionados com transtornos alimentares como é o caso da anorexia e bulimia. Segundo Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005), o tabu da sexualidade que estava posto em épocas passadas, atualmente, se desloca para os hábitos alimentares. Em suas palavras:

O glutão sente-se, com frequência mais culpado do que o adúltero. [...] controle, disciplina, virtude e força de caráter são, no entanto, comparáveis a renúncia alimentar como símbolo de pureza religiosa de beleza. Como a abstinência feminina nos séculos passados, a abstinência hoje pode representar uma afirmação de piedade secular, de pureza moral e de disciplina metafísica sobre a carne e seus desejos. (Ortega *in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005, p. 165)

Podemos afirmar então que a busca desenfreada pelo corpo que é pregado como perfeito e belo pode ocasionar vários distúrbios de comportamento, distúrbios estes que podem gerar algum tipo de patologia em quem se acultura através do discurso beleza. Por exemplo, a anorexia hoje atinge 18,5 a cada 100.000 mulheres da população em geral, segundo Hay(2002, p.14 apud GIORDANI, 2006, p.81), e representa muito bem a questão do acultramento sofrido pelas pessoas que fazem de tudo para atingir o tão

desejado corpo padrão, que como falado no item anterior, um dos modelos é o corpo com baixo percentual de gordura. A anoréxica apresenta sintomas como um peso corporal abaixo dos níveis considerados normais para um bom funcionamento do organismo e uma visão distorcida do seu próprio corpo, ou seja, ela sempre se sentirá gorda, mesmo estando extremamente magra.

Há também outras patologias que surgem a partir dessa cultura do corpo belos tais como a bulimia que é conhecida como um transtorno alimentar caracterizado por uma ingestão de alimentos calóricos seguido de métodos compensatórios tais como, indução de vômito, prática exagerada de exercícios físicos, entre outros. Outras patologias que também são importantes ressaltar são os casos de ortorexia nervosa e a lipofobia. De acordo com as idéias de Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005), o ortorexico nervoso possui obsessão por comidas naturais, ou seja, ele dedica grande parte de sua vida para aprontar e ingerir esses tipos de refeições. Já a lipofobia caracteriza-se como uma patologia onde os acometidos apresentam medo de possuir gordura em seus corpos.

Todas essas patologias advêm dos excessos na busca do corpo perfeito. Essa questão nos reporta ao mito grego de Narciso. Conta o mito que no dia de seu nascimento o adivinho Tirésias professou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse sua própria figura. Narciso se achava tão belo que desdenhava suas pretendentes. Uma ninfa graciosa chamada Eco se apaixonou em vão por Narciso, pois ele rejeitou sua afeição e então Eco desesperada definhou e morreu de melancolia.

Os deuses comovidos por Eco condenaram Narciso a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo. Então um dia, enquanto caminhava pelos jardins, Narciso viu sua imagem no lago e então se apaixonou profundamente por si próprio, inclinou-se cada vez mais para o seu reflexo na água, acabou por cair na lagoa e se afogar.

Narciso tem seu nome derivado da palavra grega *narc* que significa “entorpecido”. O mito de Narciso surge de uma superstição grega segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte, o mito possui um simbolismo que fez dela uma das mais duradouras da mitologia grega.

Santos (2010) relata que, o mito grego possui grande importância para entendermos o inconsciente humano. Este mesmo autor ainda ressalta que os mitos são

como se fossem o sonho de uma civilização, onde carregam os mais variados símbolos e significados, e que eles refletem a cultura de uma determinada população.

Temos então, na atualidade, uma forte tendência ao narcisismo, onde os exageros dos cuidados com o corpo se esbarram no mito de Narciso, o qual reflete, de acordo com as ideias de Rago(2007) uma tendência dos sujeitos se voltarem somente para sua aparência física. Segundo ele:

[...] a preocupação consigo mesmo reforça o narcisismo, na medida em que incita o indivíduo a se voltar para ‘o seu próprio umbigo’, a ter olhos exclusivos para si mesmo, ao mesmo tempo em que essa imersão na própria interioridade é especialmente reforçada pela estetização da aparência pessoal e pelo embelezamento do próprio corpo [...] (RAGO, 2007, p.53)

Com relação ao corpo feminino, há pesquisas que materializam a questão da preocupação das mulheres com sua aparência física, como é o exemplo da figura 5. Esta pesquisa foi realizada com amostra de 631 mulheres brasileiras na faixa etária entre 20 e 60 anos. Podemos perceber mais detalhes observando-a logo abaixo.



Figura 5: Pesquisa sobre satisfação com o corpo; adaptada do site:

<http://www.sophiamind.com/pesquisas/beleza/cuidados-com-o-corpo-fazem-parte-da-rotina-das-mulheres/>

Acesso em novembro, 2011

A partir da análise das entrevistas, pôde-se perceber a importância dada pelas participantes à aparência, e isto corrobora com as idéias de Ortega (*in* RAGO, ORLANDI, e VEIGA-NETO 2005, p.163), que aponta que as práticas bio-ascéticas constituem “o melhor exemplo da enorme disciplina e mortificações exigidas para construir o corpo perfeito.” (pág.163), ele ainda afirma que para os praticantes das bio-asceses, “A aparência é o que conta, como testemunham a longa lista de doenças decorrentes da procura do corpo perfeito”. Reforçando essa discussão, Santos (2010), fala que essas práticas se assemelham aos sacrifícios e milagres, presentes nos ritos religiosos, e que envolvem reclusão, penitências e fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rejeição social da mulher criada a partir dos estigmas corporais está cada vez mais evidente. Quem foge do padrão de beleza corporal estabelecido é vítima de uma infinidade de violências simbólicas. Os casos de *bullying* relacionados a aparência física também são manifestações que tem sua origem na desenfreada valorização do aspecto corporal. E isso não se dá somente através de índices corporais como obesidade, velhice, raça, mas também pelas formas de adornar e vestir o corpo – a roupa de marca, o sapato importado, tudo isso é atributo de valorização corporal na mulher moderna.

Neste sentido, precisamos ser críticos com relação à cultura que vivemos atualmente, somos absorvidos pela cultura da aparência, essa nos joga para um mercado desenfreado de consumo e grande parte da população se perde em meio a toda essa maquinaria política que gira em torno do corpo feminino.

O professor de Educação Física tem nestes aspectos um cabedal muito grande de conteúdos para ser discutido no seu campo de atuação. Ele pode e deve contribuir para a discussão, esclarecimento e orientação no que tange as questões relacionadas aos modos de tratamento do corpo, dos limites da saúde e doença frente a estes tratamentos.

Compreender a lógica da cultura na fabricação de padrões de beleza, a nosso ver é essencial para se discutir o corpo da mulher no campo educacional. E desta forma, ao menos deixar os sujeitos mais esclarecidos sobre os processos que os constroem enquanto corpo.

REFERÊNCIAS

- DAOLIO, Jocimar. **Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física**. Revista Movimento, n. 2, p. 24-28, jun. 1995. Disponível em: seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2184/902. acesso em agosto 2011.
- DEL PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.
- GIORDANI, R. B. F. A auto imagem corporal na anorexia nervosa: uma abordagem sociológica. **Revista psicologia & sociedade**. 18 (2): 81-88. Maio/agosto.2006.
- GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L; FELIPE, J; GOELLNER, S.V. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. Cap. 2, p. 28-40.
- GUZZO, M. **Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 27, n.1, p. 139-152, set. 2005. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php?journal=RBCE&page=article&op=v>

[iew&path\[\]=139&path\[\]=148](#)

LAMAR, A. R; ZOBOLI, F; BORDAS, M. A. G. Körper, mimesis und interkulturalitat: in **RevistaPolylog: zeitschrift fur interkulturellesphilosophieren**. Universidade de Viena/ Áustria.pg 3-14. N.22, 2009.

MATTOS, M. G; ROSSETO JÚNIOR, A. J; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física**: construindo sua monografia, artigos e projetos. 3ª Edição. São Paulo: Phorte, 2008.

ORTEGA, F. **Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão do corpo**. In: RAGO, F; ORLANDI, L. B. L e VEIGA-NETO, A. **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

RAGO, M. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In: SOARES, C.(org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. São Paulo: Autores associados, 2007. cap.3, p. 49-65.

SANTOS, J. A. C. D. **Narciso vai ao shopping, a educação, o culto ao corpo e a sociedade de consumo**. 2010. 113f. Tese (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNIMEP, São Paulo. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/TXORPARJRGQO.pdf>

STENZEL, L. M. **Obesidade: o peso da exclusão**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Tradução do grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VILAÇA, N. GOÉS, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998

ZOBOLI, F; FIAMONCINI, A. Competências necessárias ao processo educacional frente a atual conjuntura social. **Revista da UNIFEPE**. Número 3. pág. 29-37. 2005.

ZOBOLI, F; MORELLI, G. **Corpo e roupa como signos da moda: o cuidado de si a partir do olhar do outro**. Florianópolis.pág. 44-45, 2008.